

**Algumas notas sôbre *Macrodactylus pumilio*
Burm., 1855, e *Pelidnota (Pelidnota)*
pallidipennis Bates, 1904.
(Col., Scarabaeidae)**

LUIZ GONZAGA E. LORDELLO

(Assistente da Cadeira de Zoologia da Escola Superior de
Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de
São Paulo)

Em fins de novembro de 1950 chegou-nos a notícia de que, em Cordeirópolis, os chamados "bezouros amarelos", em grande número, causavam sérios estragos em roseiras e outras plantas ornamentais cultivadas naquela região de S. Paulo.

Tendo tido ocasião de verificar de perto a intensidade do ataque e o comportamento das pragas, deliberamos organizar estas notas a respeito das mesmas, não podendo deixar de consignar a nossa gratidão aos Professores Drs. A. M. da Costa Lima e Walter R. Accorsi e ao Dr. Dalvo de Mattos Dedeca, sempre prontos para auxiliar aquêles que os procuram.

Macrodactylus pumilio Burm., 1855
(*Melolonthinae*)

A presente espécie aparece na literatura entomológica agrícola do Brasil como velho inimigo dos *Citrus* e, como tal, é figurada no importante trabalho que Pinto da Fonseca e Au-

tuori (1933) escreveram para o "Manual de Citricultura" de Navarro de Andrade.

Com efeito, as espécies do gênero *Citrus* constituem, sem dúvida, os vegetais de maior valor em que *Macrodactylus pumilio*, conjuntamente com *M. affinis* Cast. e *M. suturalis* Mann., que lhe são afins, pode motivar prejuízos, às vezes de tal sorte que reduzem grandemente a florada de muitas árvores, conforme registra o entomólogo Pinto da Fonseca em trabalho posterior (1934).

Costa Lima (1936) registra-o também como praga de pereiras e, em Minas Gerais, sobre margaridas e dalias. Nesta última planta, a êle se refere Brandão Filho (1945).

No Arquivo da Secção de Entomologia Aplicada do Instituto Agrônômico do Estado de S. Paulo, acham-se registrados exemplares de *Macrodactylus pumilio* coligidos sobre flores de "guanxuma" (*Malvaceae*) em Ribeirão Preto, e de *Coffea excelsa* A. Chev. em Campinas.

Não tendo sido mencionado na contribuição de Gomes da Costa (1944) sobre pragas das plantas cultivadas do Rio Grande do Sul, é de se supor que não ocorra nesse Estado, ou que, em pequeno número, passe despercebido.

Em Cordeirópolis, nós o constatamos, inicialmente, sobre roseiras e, depois, em margarida (*Chrysanthemum maximum* Ramond), em rainha margarida (*Callistephus chinensis* Nees) e em dalias (*Dahlia* sp.).

Em qualquer dessas plantas, o ataque se localiza nas flores, nada se registrando em outros órgãos das plantas, que denote ação dos insetos.

Com relação às roseiras, pudemos observar plantas intensamente atingidas pela praga, outras pouco atacadas e, finalmente, algumas em que não havia o inseto.

Os pés mais afetados eram justamente variedades produtoras de flores cremes mais ou menos claras ou brancas, fazendo-nos acreditar na existência de uma certa predileção do inseto pelas mesmas, em relação às coloridas.

Conforme dissemos, a depredação do *Macroductylus pumilio* se faz unicamente nas flores. Na folhagem apenas se observam, aderentes, os abundantes excrementos caídos dos insetos concentrados nas partes superiores.

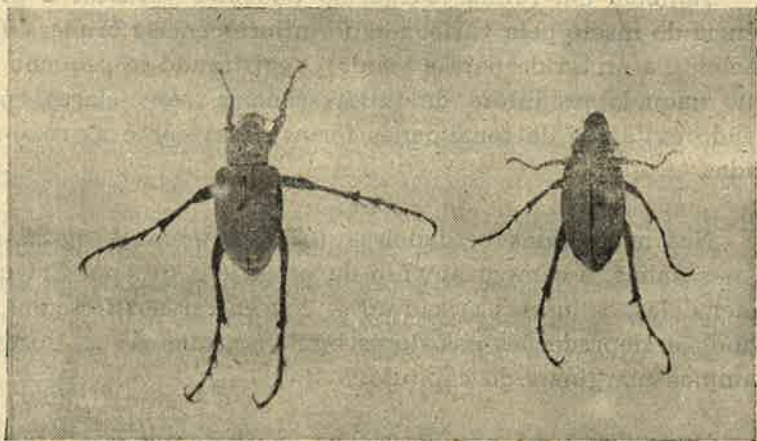


Foto. 1 — *Macroductylus pumilio* Burm., 1855. (Macho à esquerda)

Os botões não são afetados, mas, mal se entreabrem, começam a ser devorados pelos bezouros, às vezes em tão grande número que as inflorescências se convertem em verdadeiros “cachos” de insetos, que as cobrem integralmente. Nos botões em início de abertura, as pétalas são roídas de cima para baixo ou lateralmente, terminando na destruição da corola toda.

Em flores já abertas, da mesma forma a corola é totalmente devorada, restando apenas o cinórrodo, sendo interessante registrar que algumas rosas, que se abriram nas partes baixas da planta, foram poupadas pela praga, pois apareciam intactas.

Nas rainhas-margaridas, a ação do *Macrodactylus* se faz notar não só nas flores liguladas do capítulo, como principalmente nos flósculos. As pétalas daquelas aparecem corroidas, maceradas e murchas. Nos flósculos, os insetos procuram se intrometer entre os mesmos, afastando uns dos outros, abrindo brechas para corroer a base do capítulo, depreciando enormemente o aspecto da bela inflorescência.

Também em rainha-margarida pudemos verificar a preferência do inseto pela variedade de inflorescências brancas (justamente a preferida para a venda), registrando-se pequeno ataque naquela produtora de inflorescências róseo-claras, parecendo evitar as de tonalidades fortes dessa côr e as roxo-azuladas.

Nas margaridas verdadeiras (*Chrysanthemum maximum*) e nas dalias, o comportamento da praga é o mesmo. Em qualquer delas, os insetos procuram se concentrar nos flósculos, notando-se depredações nas flores liguladas, que são as flores femininas marginais do capítulo.

Posteriormente, em Piracicaba, constatamos o *M. pumilio* abundantemente sôbre o alfeneiro das cêrcas vivas conduzidas pela poda, sem que nenhum ataque se pudesse notar, parecendo mesmo que a sua estada aí era apenas temporária. Contudo, em árvores dessa planta (*Ligustrum lucidum* Ait.), em franca floração, verificamos o inseto, em grande número, destruindo-lhes as flores.

Mais tarde (fins de dezembro), verificamo-lo sôbre perebeira (*Aspidosperma polyneuron* M. Arg.) do parque da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", atacando a florada da árvore, havendo notícias de que costuma depredar

as flores da genipapeira (*Genipa americana* L., *Rubiaceae*) e da cajamanga (*Spondias* sp., *Anacardiaceae*). Porém, em uma genipapeira do parque da Escola, em plena floração, não pudemos verificar a sua presença.

Como praga das margaridas e rainhas-margaridas, o *M. pumilio* é bastante conhecido dos floricultores, que se valem dessas plantas para obter alguma renda, máxime no dia de culto aos mortos.

A época de nossas observações (novembro e dezembro) coincide com a de atividade sexual do *Macroductylus pumilio*. Com efeito, eram numeráveis os casais em cópula, durante a qual o macho, cavalgando a fêmea, prende-se à ela pelo par anterior de patas, mantendo elevados os outros dois pares, numa atitude curiosa e prolongada.

As fêmeas têm o hábito conhecido de realizar as posturas no solo, no qual vivem as larvas, nutrindo-se de raízes.

E' interessante o dicromismo sexual apresentado pela espécie: as fêmeas exibem duas manchas mais ou menos estreitas, de disposição longitudinal, uma de cada lado do protórax, advindas da ausência dos abundantes pêlos curtos e amarelados que recobrem o corpo todo e que, dessa forma, deixa transparecer ali o tegumento escuro. Muitas fêmeas também mostram, nos élitros, pequenas máculas do mesmo tipo das mencionadas.

No mais, as patas das fêmeas são mais curtas que as dos machos.

Na amostra que coligimos, ao acaso, para observação em laboratório, constatamos a presença de 427 machos e 392 fêmeas, dando a relação aproximada de 1 : 1.

Pelidnota (Pelidnota) pallidipennis Bates, 1904.

(*Rutelinae*)

Ao que sabemos, a presente espécie ainda não se acha registrada como praga de planta cultivada.

Em Cordeirópolis, surpreendemo-lo a roer flores de roseiras. Não constitui, porém, um parasita de importância desses nossos magníficos arbustos de ornamentação.

Nos pés fortemente atacados havia, no máximo, uns 15 indivíduos por planta, fáceis de serem apanhados.



Foto. 2 — *Pelidnota (Pelidnota)*
pallidipennis Bates, 1904.
(Prof. Costa Lima dt.)

A espécie é bastante difundida. Ocorre em Piracicaba, onde a temos coligido. À noite, penetra nos domicílios, atraída pela iluminação elétrica.

Também tem sido constatada em outras regiões de São Paulo e de outros Estados (Minas Gerais, M. Grosso, Goiás, Bahia), consoante registra Guimarães (1945) em seu estudo dos *Scarabaeidae* de Monte Alegre.

SUMMARY

Some notes about *Macroductylus pumilio* Burm., 1855, and *Pelidnota (Pelidnota) pallidipennis* Bates, 1904.
(Col., *Scarabaeidae*)

The first of the mentioned species appears in the Brazilian literature on Agricultural Entomology as a pest of *Citrus*, there being references to it on "pereiras" (*Pyrus* sp., *Rosaceae*), "guanxuma" (*Malvaceae*), *Coffea excelsa* A. Chev. (*Rubiaceae*) and, in the State of Minas Gerais, on *Rosa* sp. and "margaridas" (*Compositae*).

In the State of S. Paulo (Cordeirópolis and Piracicaba), the Author has found the adult beetles on: *Rosa* sp. (*Rosaceae*); *Callistephus chinensis* Nees, *Chrysanthemum maximum* Raymond, *Dahlia* sp. (*Compositae*); *Ligustrum lucidum* Ait. (*Oleaceae*) and *Aspidosperma polyneuron* M. Arg. (*Apocynaceae*).

In all these plants, the insects damage only the flowers, being, sometimes, highly hurtful.

The adult *Pelidnota (Pelidnota) pallidipennis* Bates lives, in Cordeirópolis (State of S. Paulo), on *Rosa* sp., gnawing the corolla of the flowers, but it is not a so much serious an enemy of this plant, as the former species.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO FILHO, J. S. — 1945. Os parasitos de algumas plantas floríferas. *Bol. do Min. da Agric.* 34 (1) : 49-81. 15 figs.
- COSTA, R. G. da — 1944. Pragas das plantas cultivadas do Rio Grande do Sul. Public. n. 103 da Sec. de Inf. e Prop. Agric. do R. G. do Sul. 136 págs., 147 figs.
- COSTA LIMA, A. M. da — 1936. Terceiro Catálogo dos Insetos que vivem nas plantas do Brasil. Dir. de Est. da Prod., Rio de Janeiro, 460 págs.
- FONSECA, J. P. da & Autuori, M. — 1933. Doenças, pragas e tratamento, in *Manual de Citricultura*, II parte, de Ed. Navarro de Andrade. Edição "Chácaras e Quintais". São Paulo, 212 págs., 183 figs.
- FONSECA, J. P. da — 1934. Relação das principais pragas observadas nos anos de 1931, 1932 e 1933 nas plantas de maior cultivo no Estado de São Paulo. *Arq. do Inst. Biol.* 5: 263-289.
- GUIMARÃES, L. R. — 1944. *Rutelidae, Cetonidae, Melolonthidae e Dynastidae* de Monte Alegre. *Pap. Av. do Dep. de Zool.* 6 (9) : 93-102, 4 figs. São Paulo.